

Ajuda, em cinco passos fáceis

Jeffrey D. Sachs
Valor, 27.5.2010

O mundo rico diz lhe faltar dinheiro para fazer mais pelos pobres, mas o que lhes falta é imaginação e não recursos

Todos os países, ricos e pobres, deveriam assegurar atendimento básico universal de saúde, inclusive parto seguro, nutrição, vacinas, controle da malária e serviços clínicos. Todos os anos, quase 9 milhões de crianças morrem de enfermidades que poderiam ser evitadas ou tratadas e cerca de 400 mil mulheres morrem devido a complicações durante a gravidez.

Quase todas essas mortes acontecem nos países mais pobres do mundo. Pôr fim a essas mortes não apenas reduziria o sofrimento, como também desencadearia prosperidade econômica nas sociedades mais pobres e instáveis.

A maior barreira para se alcançar esse objetivo é que os países mais pobres não podem pagar a cobertura universal de saúde universal básica, embora o custo por pessoa seja muito baixo. Usando vacinas, medicamentos modernos, diagnósticos com aparelhagem moderna, telefones celulares e outras novas tecnologias o atendimento básico universal de saúde é agora extremamente eficaz e muito barato, custando cerca de US\$ 54 por pessoa por ano nos países mais pobres.

No entanto, devido a suas rendas muito baixas, os países mais pobres podem pagar apenas cerca de US\$ 14 por pessoa de seus orçamentos nacionais. Ajuda financeira externa é necessária para prover cerca de US\$ 40 por pessoa por ano. Existindo cerca de 1 bilhão de pobres ainda sem atendimento básico de saúde, o montante total necessário é cerca de US\$ 40 bilhões por ano. Doadores estrangeiros - entre eles os Estados Unidos, a União Europeia e o Japão - estão contribuindo com cerca de um terço desse montante, aproximadamente US\$ 14 bilhões por ano.

O déficit financeiro anual restante é, portanto, de aproximadamente US\$ 26 bilhões. Com esse dinheiro, as vidas de diversos milhões de mães e crianças poderiam ser salvas todos os anos.

Isso não é muito dinheiro para os países ricos, porém eles não o disponibilizam. O déficit mais evidente é no Fundo Mundial de Combate à Aids, Tuberculose e Malária, uma iniciativa para ajudar os países mais pobres a lutar contra essas doenças fatais. O Fundo Mundial necessita desesperadamente de dinheiro, mas o governo Obama e outros não estão respondendo à necessidade financeira.

Os países ricos poderiam facilmente disponibilizar o dinheiro. Em primeiro lugar, os EUA poderiam terminar sua dispendiosa guerra no Afeganistão, que está custando cerca de US\$ 100 bilhões por ano. Se os EUA doassem uma pequena fração desses US\$ 100 bilhões em ajuda ao desenvolvimento no Afeganistão, teriam êxito bem maior em proporcionar paz e estabilidade a esse país devastado pela guerra.

Por exemplo, os Estados Unidos poderiam dar anualmente US\$ 25 bilhões em ajuda para desenvolvimento e outros US\$ 25 bilhões para iniciativas em prol da saúde mundial, e ainda conservariam US\$ 50 bilhões por ano para reduzir o déficit orçamentário americano. O Afeganistão e, portanto, os EUA, ficariam muito mais seguros, o mundo teria muito mais saúde e a economia americana seria enormemente beneficiada.

Uma segunda abordagem seria tributar os grandes bancos internacionais, que estão ganhando lucros excessivos em seus negócios especulativos. Mesmo depois de Wall Street quase ter arruinado a economia mundial, o governo dos EUA a mimou e protegeu, permitindo que os bancos voltassem a obter lucros enormes - possivelmente de US\$ 50 bilhões no ano passado.

Os banqueiros estão novamente outorgando-se bônus enormes - mais de US\$ 20 bilhões em 2009. Esse dinheiro deveria ter ido para as pessoas mais pobres do mundo, em vez de ser embolsado por banqueiros, que certamente não fizeram por merecê-lo.

É chegada a hora de instituir-se um imposto internacional sobre os lucros bancários - talvez implementado na forma de um imposto sobre transações financeiras internacionais - o que arrecadaria dezenas de bilhões de dólares por ano. Ao pressionar por tal imposto, os países em desenvolvimento não devem aceitar as esfarrapadas desculpas oferecidas pelos EUA e outros países visando proteger os seus banqueiros.

Uma terceira abordagem seria obter maiores contribuições das pessoas mais ricas do mundo. Várias delas, como Bill Gates, George Soros, Warren Buffett e Jeffrey Skoll, já são megafilantropos, comprometendo grandes somas para o bem do mundo. No entanto, outros bilionários ainda não fizeram doações semelhantes.

Segundo a lista mais recente da Forbes, há 1.011 bilionários no mundo, com patrimônio líquido combinado de US\$ 3,5 trilhão de dólares. Isso significa que se cada bilionário contribuísse com 0,7% de seu patrimônio líquido, a soma total seria de US\$

25 bilhões por ano. Imaginem, 1 mil pessoas poderiam garantir atendimento básico de saúde para 1 bilhão de pobres.

Uma quarta abordagem deveria tomar como alvo uma companhia como a Exxon-Mobil, que ganha bilhões de dólares a cada ano na África, mas que, de acordo com um dos relatórios da empresa publicados na internet, gastou apenas cerca de US\$ 5 milhões por ano em programas de controle da malária na África de 2000 a 2007. A Exxon-Mobil poderia e deveria estar cobrindo uma parcela muito maior dos custos dos serviços básicos de saúde no continente, seja com recursos tirados dos royalties pagos pela empresa ou de doações empresariais filantrópicas.

Em quinto lugar, os novos países doadores, como Brasil, China, Índia e Coreia, têm a visão, a energia, o dinamismo econômico e o interesse diplomático em expandir seu apoio, como doadores, nos países mais pobres, bem como nas regiões mais pobres de seus próprios países. Se os EUA e a Europa forem muito negligentes em fazer sua parte, as economias emergentes podem e irão assumir a cobertura de parte do déficit. Felizmente, esses novos doadores estão se tornando parceiros confiáveis na África.

O mundo rico diz lhe faltar dinheiro para fazer mais, mas o que lhes falta é imaginação, e não recursos. Os EUA deveriam redirecionar gastos militares perdulários para novos financiamentos destinados à saúde. O mundo deveria colocar em vigor um imposto mundial sobre bancos. Os bilionários deveriam intensificar sua ação filantrópica. As companhias petrolíferas deveriam pagar mais. Novos países doadores, como a China, poderiam preencher as lacunas deixadas pelo financiamento dos países doadores tradicionais.

O dinheiro está lá. As necessidades são urgentes. O desafio é de moralidade e visão.

Jeffrey D. Sachs é professor de economia e diretor do Instituto Terra, da Columbia University.